

Praça do Commercio, na villa da Figueira

VILLA DA FIGUEIRA

A villa da Figueira está situada junto da foz do Mondego, na sua margem direita, a 44 kilometros de Coimbra.

É a mais bem situada, extensa e populosa villa do districto, e póde-se até dizer melhor que algumas das nossas cidades. Todavia, o seu engrandecimento data do principio d'este seculo. No seculo passado era ainda uma povoação tão insignificante, que S. Julião da Figueira formava apenas uma das freguezias dependentes de Montemór-o-Velho, com 316 moradores, segundo Diniz, ou só 200, segundo Carvalho. Para se avaliar a pouca importancia que tinha n'esse tempo, notem-se estas palavras do padre Luiz Cardoso, tratando de Buarcos no seu *Diccionario geographico:* «No seu districto fica a alfandega no logar da Figueira da Foz, que se intitula alfandega de Buarcos, distante d'esta villa um quarto de legoa.»

A Figueira, segundo o *Censo de* 1864, publicado pelo sr. J. C. Brandão e Albuquerque, tinha n'este anno 1:021 fogos, e contava 4:432 habitantes, sendo 1:876 varões e 2:556 femeas.

Com quanto a importancia da Figueira seja de moderna data, nem por isso faltam a esta povoação foros de veneranda antiguidade, como se verá do documento do *livro preto* da sé de Coimbra, de que abaixo faremos menção.

O seu trafico maritimo devia ser consideravel já no tempo dos nossos primeiros reis, pois que, segundo se lê na *Monarchia lusitana* [1], «em quanto a corte esteve em Coimbra, pela foz do Mondego saíam as armadas de fustas e galés; depois que se ganhou Lisboa, n'esta cidade, pela maior commodidade, se fabricaram as frotas, e edificaram tercenas para materiaes d'ellas.»

[1] Tomo v, liv. xvi, cap. xii.

O grande e extraordinario augmento d'esta povoação attribue-se principalmente á decadencia do porto de Aveiro. Desde então a Figueira, favorecida pelas suas boas circunstancias locaes, começou a progredir rapidamente. Em pouco tempo se viram abertas grandes ruas guarnecidas de boa casaria e magnificos armazens; e tudo isto em virtude do movimento do seu porto, que, sendo o unico das duas Beiras, começou a importar innumeras mercadorias para estas duas provincias, dando ao mesmo tempo saída ás producções superabundantes de tão vasto e fertil territorio.

A Figueira foi elevada á cathegoria de villa por decreto de 12 de março de 1771, e por este mesmo decreto lhe foi nomeado um juiz de fóra [1]. É porventura desde então que data a existencia do pelourinho, emblema de jurisdicção municipal, que se vê na praça do Commercio, representada na gravura junta.

A villa está edificada mesmo á beira do rio, estendendo a sua casaria por um terreno que se eleva gra-

[1] O decreto que erigiu em villa o logar da Figueira é o seguinte: «Hei por bem Erigir em Villa o Lugar da Figueira da Foz do Mondego, e criar n'ella o Lugar de Juiz de Fóra, Crime, e Orfãos, que terá por districto os Coutos de Mayorca, das Alhadas, Quiaios, Tavarede, Lavos, e as Villas de Buarcos, e Redondos, os Conselhos, e Situações ao Sul do Rio chamado de Carnide, ou do Louriçal, desde onde principia o districto da Ouvidaria de Pombal, até o moinho do Almoxarife, que tudo hei por desmembrado do districto de Montemor o velho, a quem té agora pertencia: E outro sim Hei por bem Nomear para o dito Lugar de Juiz de Fóra o Bacharel Bento José da Silva, o qual fazendo a meu contento a dita Criação, se haverá o dito Lugar por cabeça de Comarca, depois de Me-servir tres annos, e os mais que decorrerem, em quanto lhe não Nomear successor. Palacio de N. S. da Ajuda em 12 de Março de 1771. Com a Rubrica de S. M. F.»

dualmente em suave declive. D'esta disposição lhe provém formosa perspectiva, que é realçada pelas lindas herdades e casas de campo que povoam a cada passo seus arrabaldes.

Corre ao longo do rio um grande e estendido caes, muito bem construido de pedra de cantaria, com suas escadas e linguetas. Desembocam n'este caes as duas praças da villa, a do Commercio e a praça Nova, ambas guarnecidas de bons predios, alguns de aprimorada construcção, bem calçadas, plantadas de renques de arvores e com commodos assentos. N'estas praças e nas ruas proximas se encontram os principaes estabelecimentos de commercio. As extremidades da villa quasi se compõem de bairros que só são habitados pelos banhistas, que na estação propria concorrem em grande numero á Figueira.

A sua praia de banhos tem a primazia em relação a todas as do nosso paiz, pois que para este mister não se encontra em toda a nossa costa maritima uma situação mais commoda que o pittoresco e formoso litoral que se estende desde o forte de Santa Catharina até Buarcos.

A affluencia de familias á Figueira na estação dos banhos tem augmentado de um modo consideravel n'estes ultimos tempos, principalmente depois da construcção do caminho de ferro do norte, que, passando á distancia de tres legoas d'esta villa, a veiu pôr em facil communicação com as terras mais importantes do nosso paiz.

Em virtude d'esta maior concurrencia de banhistas, conhecendo-se a conveniencia da construcção de novas casas na Figueira, formou-se em 1861, por iniciativa do sr. conselheiro Antonio Maria Pereira da Silva, uma sociedade com o intento de erigir um novo bairro junto do forte de Santa Catharina. Ultimamente, considerando os membros d'esta empreza que, em razão de serem sómente seis, e residirem quasi todos a grande distancia da Figueira, não poderiam realisar sós o seu projecto, resolveram formar uma sociedade para o fim indicado, com a denominação de *Companhia Edificadora Figueirense*. Esta empreza, que conta já bastantes accionistas, prosegue nos trabalhos para levar a effeito uma obra, que por certo deve contribuir muito para o engrandecimento e esplendor d'esta já tão importante e formosa terra.

Edificios publicos notaveis não os tem a Figueira. Apenas são dignos de mencionar-se os seguintes:

Egreja parochial de S. Julião. É um templo vasto, mas singelamente construido, e que nada encerra de recommendavel. Está situado em um dos pontos mais elevados e centraes da villa, e parece-nos reconstrucção do seculo passado. Da primitiva egreja de S. Julião temos encontrado memorias que lhe attestam muita antiguidade. No *livro preto* da sé de Coimbra acha-se a doação d'esta egreja pelo abbade Pedro á sé d'esta cidade no governo do seu bispo D. Cresconio, que comprehendeu os annos de 1092 a 1098; e n'esta doação se diz que a egreja fôra destruida pelos sarracenos, e que elle doador, com o favor e ajuda de Deus, a tinha restaurado nos bens e edificios por ordem do consul D. Sisnando [1], que havia facultado aos clerigos e leigos o edificar as egrejas *more hæreditario, sicut a Rege Fernando acceperat potestatem, et postea ab ejusdem Filio Rege D. Adefonso* [2].

Convento de Santo Antonio. Pertenceu á ordem seraphica, e foi fundado em 1527 por fr. Antonio de Buarcos. El-rei D. João III tambem concorreu com esmolas para a sua fundação. «O sitio (que pertence ao couto de Tavarede, e na jurisdicção ao cabido da sé de Coimbra) é muito alegre e aprazivel, com a vista do mar e da terra, dos quaes elementos logram as attenções humanas d'este assento dilatadissimos espaços. Os ares são frescos e saudaveis; a fabrica do convento muito conforme com a pobreza do nosso estado; a cêrca ampla e fructifera; a devoção dos povos visinhos entranhavel e muito caritativa. Finalmente, é este santo domicilio em tudo proporcionado para n'elle servirem a Deus os religiosos com muita paz e quietação de espirito. Do interior e exterior do convento e da disposição de seus edificios temos dado relação sufficiente, dizendo que são humildes e muito conformes com o nosso estado; e não contém notabilidade alguma d'aquellas que suspendem as attenções humanas, se não for sua muita humildade [1].»

Egreja da Misericordia. Este templo, cuja porta principal communica com a egreja do convento de Santo Antonio, fórma com ella um angulo recto.

A irmandade da Misericordia administra um hospital, que tem sufficientes rendimentos, e a respectiva botica, situada no interior do convento.

Cemiterio. De parte da cêrca contigua ao convento de Santo Antonio se fez o cemiterio publico. É digno de se visitar pela sua boa disposição e pelos elegantes mausoléos que n'elle se vêem erigidos.

(Continúa) AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

[1] Quem era este illustre personagem se diz no vol. VIII d'este semanario, pag. 330.

[2] *Elucidario* de Viterbo, verbo *Egreja*.

No *Discurso a favor do cabido* vem citados nas *provas* os seguintes documentos relativos a esta egreja:

O treslado de um instrumento da posse, que tomou em nome do cabido o chantre D. André Annes, da egreja de S. Julião da Figueira (anno de 1335);

O instrumento, por que se contentou João Joannes, vigario da egreja de S. Julião da Foz do Mondego, com os redditos e proventos que tinha o seu antecessor, e lhe dava o cabido (anno de 1348);

A sentença proferida por João Rodrigues, vigario geral do bispo D. Vasco, em como a egreja da Figueira é do cabido (anno de 1371).

[1] *Historia seraphica*, tomo IV.

ADÃO SMITH

(Vid. pag. 321)

II

A peninsula que se adianta para o mar em frente de Edimburgo, entre a foz do Forth e a do Tay, é uma das mais encantadoras regiões da baixa Escocia.

A fertilidade do solo, a riqueza de productos mineraes e a boa divisão da propriedade tem contribuido para tornar o condado de Fife, formado pelo trato de terreno comprehendido entre aquelles dois rios, um dos paizes mais povoados da Inglaterra.

A superioridade d'esta região, comparada com outras da Gran-Bretanha, é hoje, certamente, muito maior do que no principio do seculo XVIII; mas nem por isso deixava de ser já então um facto reconhecido. A união da Escocia á Inglaterra produziu alli, como nos outros condados, os seus salutares effeitos; a costa povoou-se, é verdade, de maior numero de aldeias; os campos loirejaram messes mais formosas; a atmosphera empallideceu ainda mais com o fumo das fabricas e das officinas; mas todos estes progressos realisaram-se em uma costa revestida já de grande numero de aldeias, em campos já aproveitados pela cultura, em paiz não estranho já ás transformações da industria.

Foi n'uma pequena aldeia do condado de Fife que viu a luz o homem que, a par de um nome respeitado na philosophia, devia legar á posteridade as bases de uma nova sciencia, destinada a ser para as nações bussola indispensavel que as guiasse no caminho do progresso. Adão Smith nasceu em Kirkaldy, povoação situada na foz do Forth, a pequena distancia de Edimburgo, no dia 5 de junho de 1723.

É tão importante, para fazer seguro juizo das obras de qualquer escriptor, conhecer as circunstancias da sua vida, como é indispensavel não ignorar as idéas que vogavam na sua epocha. Sobe de ponto, porém, nos parece, a importancia de tal estudo quando se querem apreciar obras que versam sobre assumptos philosophicos e sociaes.

Não póde justamente aquilatar-se o merito de qualquer obra litteraria ou scientifica quando se não attender á parte que na sua concepção tiveram os factos exteriores; pois que, se o poder creador e original do espirito humano é capaz de produzir os mais admiraveis monumentos, é certo que as idéas que transmitte á posteridade, assignaladas com o sêllo do genio, lhe são quasi sempre despertadas pelos phenomenos do mundo externo. Não se amesquinham com tal investigação as producções dos homens eminentes; pelo contrario, a admiração mais se justifica ao ver como pensamentos, muitas vezes mal definidos e confusos, se transformam, graças ao talento, em maximas que ninguem depois ousa contestar.

Dos primeiros annos da vida de Adão Smith poucos esclarecimentos chegaram até nós.

Vindo ao mundo poucos mezes depois da morte de seu pae, inspector da alfandega de Kirkaldy, achou-se, logo no berço, privado d'aquelle natural protector.

Um acontecimento singular por pouco que não transformou completamente a vida e o destino do futuro fundador da economia politica. Um dia brincava o pequeno Smith, então de tres annos apenas, á porta da casa de sua mãe. Aconteceu passar por junto d'elle um bando de caldeireiros ambulantes, especie de bohemios da Escocia, que o levaram comsigo para a floresta proxima, onde se acoitavam. Depressa se deu pelo desapparecimento de Smith, e constou quaes haviam sido os roubadores. Um tio d'elle e differentes visinhos juntaram-se e foram em perseguição dos caldeireiros, de cujo poder conseguiram libertal-o, não sem porfiada lucta.

Na eschola da sua terra recebeu Adão Smith, graças aos cuidados de um habil mestre, David Miller, os primeiros rudimentos da instrucção; e alli começou a dar provas da sua vasta intelligencia, realçada pelo grande amor ao trabalho, que o fizeram desde logo distincto entre os seus pequenos companheiros de estudo. A sua aturada applicação e extraordinaria memoria promptamente denunciaram que no pequeno estudante havia estofo para largas aspirações, se o não contrariassem as circumstancias.

A natureza, porém, dotando-o largamente nas faculdades do espirito, negára-lhe, como tantas vezes acontece, uma robusta constituição physica. Assim, a debilidade da sua organisação, e talvez não pouco tambem uma precoce sisudez e espirito reflexivo, conservavam-n'o afastado dos brinquedos dos seus companheiros, aos quaes nem por isso deixava de inspirar a mais terna sympathia, pela doçura e affabilidade do seu caracter. Pensativo, distrahido, e fallando por vezes em voz alta, passava, entregue á meditação, as horas que os seus condiscipulos davam ao recreio. Assim com cedo se acostumou elle ao estudo e á reflexão.

Aos quatorze annos deixou a eschola de Kirkaldy, e passou a frequentar a universidade de Glasgow, onde permaneceu até 1740. Regía então a cadeira de philosophia moral o celebre Hutcheson. As lições do fundador da philosophia escoceza attrahiam a Glasgow grande numero de estudantes, não só da Escocia, mas de todas as partes da Inglaterra. Os que não podiam frequentar o seu curso de philosophia moral não faltavam ás conferencias e ás lições, em que o sabio professor tratava, com a proficiencia a que o habilitava a sua muita e variada erudição, pontos quer analogos, quer alheios ás materias que constituiam o objecto da sua cadeira na universidade.

Como era natural, Adão Smith não foi dos menos assiduos a escutar as lições de Hutcheson. As tendencias do seu espirito, que o levavam principalmente para os estudos philosophicos, e ao mesmo tempo o amor do bello, da verdade e da humanidade, que transpareciam na doutrina do illustre professor de Glasgow, conspiraram-se para lançar o moço estudante de Kirkaldy na carreira de estudos que deviam assegurar-lhe um logar eminente entre os homens celebres do seculo XVIII. Se nenhum outro indicio tiveramos, bastar-nos-hia o profundo reconhecimento com que elle fallou e escreveu sempre ácerca do seu antigo mestre, e a elevada admiração que parecia professar pelas suas doutrinas, para nos convencermos da importante influencia que as lições de Hutcheson operaram no futuro de Adão Smith. Póde, pois, dizer-se, repetindo as palavras de Cousin, que foi á universidade de Glasgow e ao ensino de Hutcheson que Smith deveu o seu methodo, os seus principios mais geraes, o espirito liberal que sempre o animou, e a direcção dos seus estudos para as sciencias moraes e politicas.

Depois de tres annos de permanencia na universidade de Glasgow, sua familia, que o destinava ao ministerio ecclesiastico em Inglaterra, mandou-o concluir os estudos no collegio de Balliol, em Oxford [1]. Mal se lhe conformava o animo com tal determinação, porque a philosophia havia-lhe já alheiado o espirito para estudos que se não compadeciam muito com a austeridade da vida a que os seus parentes e amigos desejavam applical-o.

Foi por isso que, em vez de se occupar de assumptos theologicos, Smith se entregou ao estudo das mathematicas e das sciencias physicas, que não tardou em pôr de parte para unicamente concentrar toda a attenção nas sciencias moraes e politicas, que deviam ser desde essa epocha o objecto quasi unico dos seus trabalhos e meditações.

Posto que entregue especialmente aos estudos a que votava maior amor, não desprezava, comtudo, antes a miude manuseava, as obras litterarias, dando-se gostosamente á leitura dos poetas latinos e gregos, francezes e italianos.

Forçoso é confessar que estas leituras não conseguiram formar-lhe o estilo e o gosto; e que os seus escriptos mal revelam a convivencia em que elle parece ter vivido por bastante tempo com os poetas antigos e contemporaneos.

Não foram, porém, destituidas de influencia no espirito do joven Adão Smith as doutrinas philosophicas que então começavam a propagar-se. Mais de uma vez teve elle de ouvir as advertencias dos seus superiores, que não podiam tolerar que a dentro das paredes de uma universidade alguem ousasse pensar em contraposição com as regras e doutrinas officiaes.

Comtudo, as novas idéas, se lhe attrahiam a attenção e por vezes o enthusiasmavam, não lhe faziam esquecer as lições do fundador da philosophia escoceza, d'essa philosophia do senso commum, como lhe chamou Cousin, da qual elle devia ser um dos mais bellos ornamentos.

Em 1748, depois de uma permanencia de sete annos na universidade de Oxford, Adão Smith voltou para a Escocia. Então surgiu imperiosa a necessidade de adoptar uma carreira qualquer, não permittindo a escassez dos meios de que dispunha demorar por muito tempo similhante resolução.

Não se accommodando facilmente as doutrinas do joven philosopho com a vida ecclesiastica, a que os seus parentes desejariam que elle se dedicasse, e não sendo grandes tambem as suas ambições, por isso que limitava as esperanças a obter um logar no magisterio publico, resolveu estabelecer-se em Edimburgo, onde abriu um curso de rhetorica.

Eis-nos entrados no periodo verdadeiramente importante da vida do immortal fundador da economia politica.

(Continúa) T. DE C.

[1] A universidade de Oxford comprehende varios collegios, cuja fundação se verificou em epochas differentes. O collegio de Balliol foi creado em 1268. O mais antigo, o collegio da universidade, data de 1172. A universidade conta hoje dezenove collegios, sendo o ultimo, que tomou a denominação de *New College*, fundado em 1840. Cada um d'estes collegios tem constituição propria.

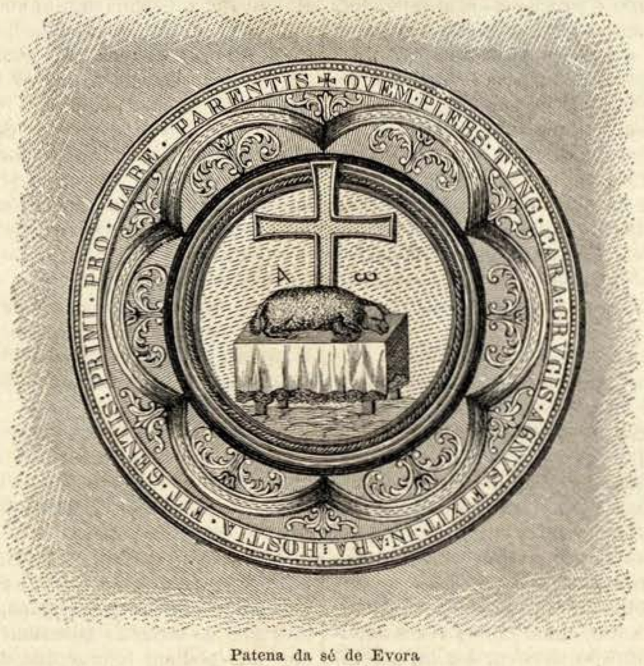
CALIX DA SÉ DE EVORA

É uma formosa peça este calix; formosa na invenção e na delicadeza do lavor. Das tres ricas peças da sé eborense, o baculo, a custodia e o calix, cujas gravuras adornam as paginas d'este volume [1], é a ultima, sem dúvida, a que mais se avantaja em perfeição artistica. E ainda sobreleva ás outras em um dote que lhe dá muito realce, qual é o dos esmaltes.

É o calix de prata doirada. A metade superior do vaso é inteiramente lisa, e a metade inferior lavrada em relevos de excellente composição. Começam estes em um cordão, ao qual se segue uma cercadura, tendo, a espaços eguaes, seis cherubins, que servem como de coroa a seis medalhas ovaes, em que estão representados outros tantos passos da vida de Jesus Christo. Entre as medalhas avultam figuras de anjos, mostrando segural-as ou ampara-las, tendo vestidas compridas roupagens.

A maçã do calix é sextavada, fazendo divisão a cada face uns ornatos, que resaltam da mesma maçã, e saem mais para fóra na parte inferior que na superior. N'aquellas seis faces figurou o artista outros seis passos da vida de Jesus Christo. Tanto as medalhas do vaso como os quadros da maçã apresentam um trabalho artistico de bastante primor.

Na base do calix, entre variados lavores, vêem-se as imagens de seis apostolos. Tudo o mais que medeia entre o vaso e a maçã, e entre esta e a base, está coberto de muita diversidade de relevos de gracioso desenho e de esculptura delicadissima.



Patena da sé de Evora

São egualmente mui perfeitos os esmaltes, e produzem lindo effeito pela variedade e boa combinação das côres.

No pé do calix está gravada a seguinte inscripção: *Doct. paulus Alphonsus Reg. Consiliarius in eccẽia Eboren. Archid. et Canonicus donavit. Anno Dñi* 1587. Em vulgar: «O doutor Paulo Affonso, do conselho delrei, arcediago e conego da sé de Evora, fez doação d'este calix, no anno do Senhor de 1587.» No centro d'esta data acha-se o brazão d'armas do conego, ficando de um lado os numeros 15 e do outro 87.

A patena d'este calix, cuja gravura tambem adorna este numero, é mui bonita, e de um trabalho egualmente delicado e de summa perfeição, sobre tudo na obra de esmalte. No centro da patena avulta, deitado sobre a mesa, o cordeiro, emblema do Salvador, e por cima d'elle, e aos lados da hastea da cruz, symbolo da fé, a primeira e ultima letras do alphabeto grego, *alpha* e *omega*, allusivas á victima immaculada, principio e fim de todas as coisas.

Não sabemos o nome do ourives que fez este bello calix, nem o da terra que lhe serviu de berço. Ha, porém, todo o fundamento para acreditar que era portuguez. Havendo no paiz, em todo o decurso d'aquelle seculo, artistas tão distinctos na esculptura em metal e nos trabalhos de esmalte, como por vezes temos demonstrado, tratando de varios objectos preciosos consagrados ao culto divino, e pertencentes á casa real e a diversas egrejas do reino, não se deve suppor que o conego Paulo Affonso mandasse fazer o calix a paiz estrangeiro.

Portugal tem sido visitado em todos os tempos por muitos artistas estrangeiros, mais ou menos eximios nos diversos ramos da arte; e muitos d'elles aqui fixaram a sua residencia, ou se demoraram o tempo bastante para nos deixarem documentos da sua habilidade. Entre esses artistas figuram, é certo, alguns gravadores em metal; todavia, não eram ourives, nem se empregaram nas obras que são proprias d'este officio. Além d'isso, os gravadores a que alludimos vieram para este reino em tempos muito posteriores á epocha em que foi feito aquelle calix. Não temos achado noticia de ourives algum estrangeiro domiciliado em o nosso paiz, ou que a elle viesse de passagem e n'elle exercesse o seu officio em eras anteriores ao seculo XVIII. Por conseguinte, de todas estas considerações julgâmos poder concluir, que o dito calix é obra nacional.

A transição da architectura gothica para a da renascença operou-se, ou antes completou-se, como por vezes temos dito, nos principios do reinado del-rei D. João III. Desde então foi proscripto o estilo gothico, e não só deixou de ser empregado em as novas edificações que se emprehenderam, mas até foi abandonado, com grave sacrificio da arte e escandalo do bom gosto, nos proprios monumentos em construcção segundo o dito estilo, como succedeu, infelizmente, na egreja de Nossa Senhora de Belem. Mas não aconteceu o mesmo com respeito á ourivasaria. Apesar do desprezo a que os architectos votaram o velho estilo, e da acceitação, e até enthusiasmo, com que o novo foi recebido e geralmente seguido, continuaram os ourives ainda por longos annos a empregar o estilo gothico na fabricação dos vasos sagrados. Conhecemos alguns feitos assim no ultimo quartel do seculo XVI e no principio do XVII. Porém o calix da sé de Evora foi fabricado conforme o estilo da renascença.

Nicolau Agostinho, capellão do arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança, no seu livro: *Relação summaria da vida do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Theotonio de Bragança, arcebispo de Evora*, faz menção d'aquelle calix, e diz que custára 2:200 cruzados (880$000 réis), quantia avultada em relação ao tempo.

A sé de Evora era uma das egrejas mais ricas de Portugal em vasos sagrados e outros objectos de prata doirada e branca. Desgraçadamente, durante a occupação dos francezes, nos principios d'este seculo, foi despojada de quasi todas essas riquezas. Por ordem do governo intruso, foram levadas da cathedral eborense mais de setenta arrobas de prata, cujo inventario se conserva na bibliotheca publica da mesma cidade.

A custodia, o calix e o baculo, cujas gravuras temos publicado, foram salvas da rapina por mãos pie-

[1] Vid. pag. 53 e 161.

dosas e patrioticas, que conseguiram esconder estas preciosidades em logar bem occulto e seguro.

Os nossos assignantes não deixarão de notar a perfeição do desenho e da gravura, tanto do calix como da patena, mas principalmente do primeiro, trabalho que honra sobremaneira os srs. Leipold e Alberto.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A SATYRA MENIPPÉA

I

Nem todos os leitores possuem conhecimento cabal do que é a *Satyra Menippéa*, da qual por certo terão ouvido ou lido o nome.

Pareceu-me que faria algum serviço á curiosidade



Calix da sé de Evora

d'aquelles a quem falta um tal conhecimento, dando-lhes noticia de um escripto excellente, verdadeiro monumento litterario da França, e um modelo de engraçadissima ironia empregada contra uns poucos de ambiciosos e hypocritas.

Não faltará authenticidade á noticia que vou apresentar, porque tenho diante de mim a auctorisada edição da *Menippéa*, por mr. Charles Labitte, e a premiada *Historia da litteratura franceza*, de mr. Eugène Géruzez, afóra os escriptos de outros acreditados criticos.

Não tendo Henrique III de França herdeiro directo, franqueado estava ao rei de Navarra, chefe dos protestantes, o accesso ao throno. Para obstar a que esta eventualidade se realisasse, recorreu-se a todos os expedientes, e foram empregados todos os esforços da parte dos caudilhos da parcialidade catholica. O duque de Guise caminhou abertamente para a usurpação. A fim de preparar os animos para receberem novo rei, no caso de se extinguir a dynastia dos Valois, ou de ser derribada do throno, foi fabricada uma arvore genealogica, que fazia prender immediatamente os de Lorena com o imperador Carlos Magno.

A historia não refere nos seus annaes uma guerra de tão aturada e implacavel diffamação, como foi a da *Liga*, nos primeiros tempos contra Henrique III, e depois, quando este foi assassinado pelo fanatico e malvado dominicano Jacques Clément, contra o Bearnez, rei de Navarra, mais tarde Henrique IV.

Para não descer a longos desenvolvimentos, contentar-me-hei com a indicação de um exemplo do excesso a que os interesses sórdidos e as paixões vis levaram os actores d'aquelle deploravel drama. Da cadeira evangelica, do cimo do pulpito, disse uma vez um préga-

dor (Boucher se chamava o energumeno), querendo caracterisar e definir Henrique III: «Em uma palavra, é um turco pela cabeça, um allemão pelo corpo, uma harpía pelas mãos, um inglez pela jarreteira, um polaco pelos pés, e um verdadeiro diabo pela alma.»

Arrependo-me de ter promettido tamanha brevidade. Quero ainda apresentar outro traço, que bem pinta o fanatismo cruel e barbaro d'aquelle tempo.

O sanguinario monstro que assassinou Henrique III, Jacques Clément, foi proclamado em todos os pulpitos «o bemaventurado filho de S. Domingos, o martyr santo de Jesus Christo!» Accenderam cirios nas egrejas em volta da estatua do execrando assassino; e a mãe d'elle veiu a Paris solicitar a recompensa do attentado do filho, logrando a final voltar para a sua aldeia enriquecida de donativos e de dinheiro, acompanhada até á distancia de uma légoa fóra de Paris por quarenta religiosos!

A Providencia permittiu que aquelle e outros mil horrores tivessem um termo, e que ao cabo se assentasse no throno de França o rei, de tão boa nomeada, Henrique IV, tendo a seu lado o virtuoso Sully!

Mas antes d'isso, e como castigo da ambição e da hypocrisia, surgiu a *Satyra Menippéa* á voz de honrados talentos, que se associaram para desmascarar a impostura, e para empregar a temivel arma do ridiculo, ou a poderosa machina da eloquencia e da verdade, contra os representantes da nobreza e do clero que se tinham manchado com impurezas e maleficios.

É occasião de dizer qual o objecto da *Satyra Menippéa*, quaes os nomes dos collaboradores d'este escripto immortal, e, finalmente, qual o merecimento real d'esta obra, que, no conceito dos competentes, não foi menos util a Henrique IV, ao partido nacional e á paz da França, do que a batalha de Ivry.

A *Menippéa* tem por objecto a celebração dos estados (côrtes), que o duque de Mayene convocára em Paris no dia 10 de fevereiro de 1593, com o fim de procederem á nomeação de novo rei (Henrique III tinha sido assassinado em 1584), tomando conhecimento das allegações dos pretendentes á coroa. Este conciliabulo, filho da iniciativa facciosa, não tinha o caracter de representação nacional, e prestes se dissolveu, por effeito da violencia dos partidos e da divisão dos interesses, sem que se tomasse uma resolução definitiva e séria.

A idéa primordial da *Menippéa* é devida a Pedro Le Roy, conego de Ruão, a quem o virtuoso de Thou chama *vir bonus, et à factione summe alienus* — homem bom, e de todo o ponto afastado do espirito faccioso. Pedro Le Roy traçou o quadro, o plano da obra; alguns amigos seus escreveram os pedaços diversos que a compõem; e Pedro Pithou, revendo o todo da composição, deu-lhe o remate e o cunho de perfeição que tornou universalmente bem acceito e applaudido o interessante livro.

«Quaes foram, pergunta mr. Charles Labitte, esses amigos inspirados que tão bem souberam pôr-se de accordo, para d'este modo, em presença dos acontecimentos, guiados pela impressão leal do sentimento patriotico, e livremente inspirados pelo espirito francez, improvisarem uma bella acção e ao mesmo tempo um bom livro? Quaes foram esses homens, que, no meio da dispersão de todos os partidos, tiveram força para (segundo a viva e ajustada expressão do nosso engenhoso e sabio critico, mr. Philarète Chasles) fazer simultaneamente e de um só jacto um pamphleto, uma comedia e um *golpe de estado?* E, comtudo, não eram elles nem ministros, nem personagens da nobreza, nem chefes de partido, nem tribunos; nem ao menos eram (caso singular!) ambiciosos, pois que não recebiam pensões de Filippe II, nem a casa de Lorena lhes fizera promessas de favores; não esperavam coisa alguma do feudalismo huguenota, nem da turbulenta demagogia dos *Dezeseis*. A *Menippéa* é simplesmente a obra honrada, sincera, de alguns poucos burguezes, que n'um bello dia se lembraram de vir dizer a verdade ao seu paiz sobre os embustes politicos, e que, para exprimirem o que sentiam, lançaram mão do sarcasmo, da mofa, da eloquencia.»

Em casa de Gillot se reuniam todas as noites os individuos que collaboraram para a *Menippéa*, e são: Le Roy, Nicolau Rapin, Passerat, Pithou, Chrestien. É de saber que Gillot, collocado em boa posição na ordem do clero, e por fim conselheiro letrado do parlamento de Paris, era rico, prezava grandemente a cultura do espirito e a companhia dos homens de letras, aos quaes dava agasalho affectuoso e fazia bons serviços. Morava no caes dos Ourives, e alli recebia todas as noites os seus amigos, na casa, e precisamente no quarto, onde se diz que nasceu depois o celebre Boileau. Ora os amigos que já mencionámos, instruidos, versados na litteratura grega e latina, tinham conservado as verdadeiras tradições francezas, e a liberdade de espirito dos poetas que os haviam precedido. Gillot foi a alma d'essa brilhante reunião, que por fim produziu uma obra prima na litteratura franceza.

Eis aqui a distribuição dos papeis, digamol-o assim, que entre aquelles estimaveis homens se fez para a representação da *Menippéa:*

Idéa primaria e plano da obra pertencem a Le Roy.

O discurso do legado do papa é de Jacques Gillot.

O discurso do cardeal de Pelvé é de Florent Chrestien.

Os discursos de mr. de Lyon e do reitor Rose são de Nicolas Rapin.

O discurso de d'Aubray, o ultimo da collecção, é de Pedro Pithou.

Os versos foram, pela maior parte, compostos por Passerat.

Ás outras porções da *Menippéa* não tem sido possivel assignar auctor; nem será possivel encher uma tal lacuna, na distancia em que estamos dos acontecimentos e dos homens, como atiladamente pondera mr. Labitte. Foi mysteriosa a composição do livro; guardou-se o mais profundo segredo, e só pelo correr do seculo XVII se pôde saber com certeza quaes foram os auctores da singular composição.

Agora, que está desembaraçado o terreno, seguia-se o entrar no conhecimento do intrinseco da *Menippéa;* mas vae já longo este artigo, e força é reservar para o immediato essa noticia.

(Continúa) JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

TAVIRA

HOSPITAL DO ESPIRITO SANTO

(Vid. pag. 310)

A confraria da Misericordia, estabelecida em Tavira pouco depois de ter tido principio em Lisboa tão humanitaria instituição, teve por primeiro assento n'aquella cidade o convento de S. Francisco, e por segundo assento o hospital do Espirito Santo, d'onde ao diante foi mudada para as *casas da Audiencia*, junto da egreja maior.

Concederam os nossos reis e os summos pontifices muitos e mui grandes favores a este hospital. Refere-os o sr. Guerreiro de Aboim, na sua citada memoria, pelo modo seguinte:

«De não menor valia foi tambem a singular protecção com que os srs. reis d'estes reinos olharam para este estabelecimento, creando-lhe novos recursos, e dotando-o com regalias e immunidades, entre as quaes notaremos, como principaes, o privilegio para as suas rendas serem cobradas executivamente, go-

zando os cobradores das liberdades, privilegios e poderes que tinham os almoxarifes (provisão de 14 de janeiro de 1486); para o juiz provedor conhecer em primeira instancia de todas as causas pertencentes ao hospital (alvará de 22 de junho de 1520); a doação de 1 por cento do rendimento do almoxarifado, e alfandega de Tavira e portos sêccos (prov. de 29 de março de 1528); a administração da confraria dos leigos de Santa Maria, e da de S. Thiago, que julgo ser a da Senhora Afranca, para que o sobejo d'ellas se dispendesse com os pobres (prov. de 28 de agosto de 1528); a regalia de terem os capellães do hospital o habito de Christo, pratica que durou até ao concilio de Trento (provisão de 11 de junho de 1524 e 13 de janeiro de 1578); de ser dotado o hospital com a terça parte das despezas que fizesse com os expostos, paga pelo cabeção das cizas, desde o 1.° de julho de 1715, primeiro anno em que encontrámos tal verba em receita extraordinaria; e, finalmente, a concessão de fazer-se a finta por tres annos, em todo o reino do Algarve, para as obras do hospital (prov. de 3 de setembro de 1746 e carta régia de 14 de julho de 1747). O sr. D. João VI confirmou todos os privilegios de que o hospital estava de posse (alv. de 5 de junho de 1820); e ultimamente o sr. D. Luiz I, por sua real benevolencia, houve por bem declarar-se protector d'este estabelecimento por alvará de 21 de setembro de 1865.

«Se as regalias civis são de grande valor, como temos visto, não o tem menos as ecclesiasticas, se attendermos aos costumes e idéas religiosas do tempo em que foram concedidas, como vamos ver. Em 1515 foi concedida pelo nuncio a graça para haver na egreja sacrario com Sacramento, e capellães para o administrarem aos enfermos e dar sepultura ecclesiastica aos que n'elle fallecerem, ainda mesmo em tempo interdicto. Por sentença apostolica de 1570, foi confirmada a graça concedida em 1537 pelo nuncio Jeronymo de Ricenas de Capite Ferreo, para os officiaes da casa poderem eleger curas e capellães, e removel-os a seu arbitrio, *ad nutum*. O papa Sixto IV concedeu que qualquer enfermo d'esta casa possa, dando uma esmola, eleger confessor que o absolva, em artigo de morte, de todos os peccados, até dos reservados á sé apostolica; como tambem que o capellão que for eleito por voto dos confrades possa confessar, commungar e celebrar em tempo interdicto. Houve tambem na casa a concessão para qualquer pessoa que désse ao hospital uma esmola, ainda que n'ella não residisse, podesse gozar da bulla do papa Sixto IV. Esta graça foi impetrada sendo juiz provedor Gaspar de Sequeira, cavalleiro fidalgo da casa de sua magestade, em 1555 (tombo do Tello, a fl. 20).»

Sendo antigamente muito repetidos os casos de lançar o papa ou qualquer prelado excommunhão a uma cidade, provincia ou reino; e ficando desde logo interdictos os ecclesiasticos de celebrarem missa e administrarem os sacramentos, em quanto a excommunhão não fosse levantada, o que ás vezes durava mezes, e até annos, póde-se julgar de quanta importancia e apreço seria o privilegio acima referido.

Expõe o auctor da memoria os embaraços e difficuldades que sobrevieram ao hospital, em razão de se achar muito sobrecarregado de legados pios onorosissimos, ao passo que as despezas sempre iam crescendo, e os rendimentos da casa diminuindo, em parte pela destruição das rendas de algumas capellas, por motivo de sua muita antiguidade, e em parte por effeito da lei de 27 de março de 1773. E em seguida relata como, por diligencia dos provedores do hospital, em 1780 e 1781, os doutores José Collaço da Silva e Alberto Antonio de Brito Guerreiro de Aboim, o papa Pio VI concedeu o breve de 28 de maio de 1783, pelo qual foi a confraria absolvida dos legados não cumpridos, ficando estes commutados em varios encargos de facil cumprimento.

Alliviada dos encargos mais gravosos, viu-se então a confraria em circunstancias de poder melhorar o tratamento dos enfermos, e de cuidar da conservação do hospital, que, por sua muita antiguidade, ameaçava ruina. Assim, pois, em todo o resto d'aquelle seculo se procedeu a successivas obras de reedificação, já na egreja, casas do despacho e archivo, já nas mais officinas do hospital. Porém estes resultados foram devidos ao muito zelo e assiduos esforços de varios provedores, que o auctor da memoria nomeia, indicando os serviços prestados por cada um.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

(Conclusão. Vid. pag. 327)

VI

Foi, com verdade, um dia de grande festa para Castello de Vide aquelle em que se verificou a trasladação dos ceguinhos para a sua nova casa, onde haviam de encontrar as commodidades e o conforto que estão hoje gozando.

Temos presente uma descripção mui minuciosa d'esta solemnidade [1], da qual transcrevemos o seguinte:

«Effectuou-se a trasladação aos 22 de setembro de 1867. O edificio da Misericordia trajava de gala; na egreja os lustres pendiam do tecto, as paredes vestiam damasco, vergavam os altares com o peso das flores, e a cruz e a hostia ostentavam-se brilhantes entre milhares de luzes.

«Pelas onze horas cantou-se um *Te Deum* a musica vocal e instrumental; assistiram a elle a camara e os empregados publicos, as grandes confrarias e as pequenas irmandades; ouviram-n'o os asylados em numero de 23, sendo 9 do sexo masculino e 14 do feminino, trajando uniformemente, e tendo suspensa no peito com fita verde uma medalha de metal, em que se via gravada a imagem de Nossa Senhora da Esperança, padroeira do asylo.

«O povo occupava inteiramente a egreja. Finda a ceremonia religiosa, as irmandades trouxeram em procissão a imagem de Nossa Senhora da Esperança, cercada de flores e trajando brocados. A Virgem, que é a estrella da madrugada, parecia indicar a aurora da felicidade aos que viviam na pobreza e nas trevas, e guiar os ceguinhos para o logar de descanço e commodidade. Um anjo lhe derramava flores sobre o andor; dois outros a seguiam junto dos thuriferarios, que envolviam a hostia nos perfumes do incenso.

«Ia atraz do pallio o pendão da municipalidade, em torno do qual a camara se agrupava; seguiam-n'a os asylados dispostos em duas alas; vinha no meio uma linha de cherubins, cada um dos quaes dava a mão a dois asylados, e os irmãos da Misericordia amparavam dos lados a cegueira de uns e os passos ainda incertos dos outros.

«A sr.ª D. Gertrudes da Conceição Caldeira, mulher do sr. Carlos José Caldeira, antigo director da alfandega municipal de Lisboa, levava pela mão uma das cegas, e o sr. Caldeira conduzia um cego.

«Era espectaculo que recreiava os olhos e a alma ver os innocentinhos, na fórma mais poetica das jerarchias celestes, graciosamente vestidos, servindo de guia e luz aos cegos, para os conduzir de uma egreja para a outra, e entregal-os á religião e á caridade.

«Edificava não menos ver uma dama e um cavalheiro, costumados ao luxo e á sumptuosidade da corte, passeiar as ruas de uma villa com uns pobresitos pela mão.

[1] Devemol-a á benevolencia do sr. José Frederico Laranjo.

«Seguia os asylados o administrador do asylo, o sr. José Godinho Juzarte.

«A philarmonica de Gaffete, que gratuita e espontaneamente viera assistir a esta festa, e a philarmonica de Castello de Vide, formando uma só banda, iam no coice da procissão tocando os dois hymnos do asylo: o do instituidor, intitulado *A columna de bronze*, e o da Padroeira.

«As janellas das ruas por onde passava a procissão estavam cheias de damas e ornadas de colchas. Parte do povo acompanhava o sequito, e outra parte derramava-se no transito, agrupando-se nas praças. Vieram muitas pessoas notaveis de Portalegre, e as villas e aldeias das circunvisinhanças mandaram a flor da sua população para dar maior realce a esta festa.

«A procissão deu, pois, entrada na egreja do convento entre as maiores galas e alegrias.

«Cantou-se em seguida missa solemne, e foi orador o reverendo padre Manuel José Alves.

«Depois da festa, o sr. Sequeira Sameiro offereceu ao sr. administrador do concelho as chaves do asylo, convidando-o a abrir-lhe as portas, e em seguida entraram os cegos para a sua nova e alegre morada, conduzidos pelos irmãos da Misericordia e mais pessoas que os haviam guiado até á egreja.

«Foram logo levados aos respectivos refeitorios de um e de outro sexo, onde saborearam um lauto jantar em mesas adornadas de flores e ao som da musica das philarmonicas. Serviram á mesa das mulheres a referida sr.ª D. Gertrudes Caldeira, e á dos homens os srs. Caldeira e Godinho Juzarte, conjuntamente com os irmãos da Misericordia.

«Á tarde e á noite, em o dia da festa, alternadamente estiveram tocando no largo do Rocio as duas mencionadas philarmonicas.»

A gravura que ficou estampada a pag. 317, bella cópia de uma photographia tirada em outubro de 1867 no claustro do asylo, que é um quadrado perfeito, ornado de columnas de bom granito e calçado como a praça de D. Pedro em Lisboa, representa o sr. José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, administrador d'aquella casa de caridade, sentado no meio do grupo, dando as mãos a um asylado e a uma asylada (actualmente são 25 os asylados), e mostra eloquentemente a caridosa familiaridade com que s. ex.ª convive com aquelles infelizes, e como cuida de lhes adoçar e minorar a triste sorte.

Padre João Chrysostomo Ribeiro Coelho.

OS TRES FREIRES VERMELHOS

(BALLADA BRETÃ)

Tremo devéras, sinto o corpo hirto e inteiriçado, porque vejo as desgraças que povoam a terra... e porque me lembra principalmente o horrivel acontecimento que ha um anno se deu nas visinhanças de Quimper.

Katelik Moal caminhava rezando nas suas contas, quando tres freires, armados de ponto em branco, lhe appareceram na estrada.

Eram tres freires vermelhos, montados nos seus cavallos cobertos de ferro da cabeça até os pés; e disseram-lhe:

— Rapariga, vem comnosco para o convento; vem comnosco, bella rapariga; não te faltará oiro nem prata; não te faltará nada.

— Com a devida licença, senhores, não irei comvosco, porque tenho medo das compridas espadas que trazeis.

— Vem comnosco, formosa menina, vem, que não te succederá mal.

— Não irei, senhores, porque no vosso convento se dizem coisas feias.

— Coisas feias dizem os villões de nós! Malditas sejam as linguas dos villões! Não acredites no que dizem, e vem comnosco; não tenhas medo!

— Não irei; já disse que não! Preferia ser queimada!

— Vem comnosco... alli estarás muito bem.

— Não vou. Prefiro viver cá fóra. E depois, não sabem todos que as sete lindas raparigas da aldeia, que estavam para casar e foram levadas para o convento, ainda não sairam de lá?...

— Se estão lá sete, serás tu a oitava. Que tem isso?

E um dos freires vermelhos tomou a rapariga na garupa, amordaçando-a, e todos galoparam, galoparam, galoparam; e a joven Katelik Moal chegou mais morta que viva ao convento; e ao cabo de sete ou oito mezes, ou ainda mais, diziam os freires:

— Que faremos d'esta rapariga? — Mettamol-a em um subterraneo. — Emparedemol-a. — Vale mais enterral-a debaixo do altar-mór. — Assim seja. Enterrada debaixo do altar-mór, nenhuma pessoa da sua familia dará com ella.

Pelo anoitecer d'aquelle dia parece que o ceo se tolda com as nuvens mais negras e espessas. Sibila o vento, fuzila o relampago, rebomba o trovão, abre-se a terra, inundam-se as planicies!

N'essa occasião um pobre cavalleiro, com os vestidos molhados pela chuva torrencial e o rosto açoitado pela tempestade, passava na estrada. O pobre cavalleiro procurava um asylo, quando se lhe deparou a egreja do mosteiro. Olhou pela fechadura, e viu brilhar na egreja uma pequena luz; e os tres freires vermelhos, á esquerda, abriam uma cova junto do altar-mór; e á direita via-se, estendida no solo, uma joven com os pés amarrados; estava com vida, mas a sua pallidez era mortal.

A pobre menina fitava os olhos piedosos nos freires e pedia-lhes misericordia.

— Deixae-me a vida, senhores! pelo amor do Todo-Poderoso, deixae-me a vida! Discorrerei por toda a noite e occultar-me-hei durante o dia! Misericordia, senhores!

E a pequena luz apagava-se, e o pobre cavalleiro não podia despregar os olhos da fechadura, attonito do que presenciava; e ouviu a joven, do fundo do seu tumulo, queixar-se d'este modo:

— Quero para este innocente o baptismo, para mim a extrema uncção, e deixem-me assim morrer satisfeita e tranquilla.

E o cavalleiro ouviu isto e foi-se d'alli bater á porta do bispo, e disse-lhe:

— Levantae-vos, sr. bispo de Cornouailles, levantae-vos; estaes mui bem descançado em vossa fôfa e ornada cama, e lá no mosteiro, abysmada no fundo de um tumulo, geme uma bella e gentil rapariga, e pede o baptismo para um innocente e a extrema uncção para si.

. . . .

Cavou-se junto do altar-mór por ordem do sr. bispo, e do fundo de um tumulo tirou-se uma bella e gentil rapariga, tendo um innocentinho adormecido no seio.

A joven tinha roido os braços, tinha rasgado o peito, tinha rasgado o peito até ás entranhas.

E viu isto o sr. bispo, e ajoelhou, chorando, sobre o tumulo que se abríra.

E chorou tres dias e tres noites, com os dois joelhos dobrados sobre a pedra fria, vestido de burel e conservando os pés nus.

E ao cabo da terceira noite estavam alli, em torno do sr. bispo de Cornouailles, todos os freires, e o innocentinho deu signal de vida. Abriu os olhos, e logo, logo os fitou nos tres freires vermelhos.

— Foram aquelles!

E os tres freires vermelhos, por determinação do sr. bispo, foram queimados vivos, e as suas cinzas lançadas ao vento, vindo assim a pagar com os corpos o nefando crime que tinham commettido.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31